

**A Cidade Secreta: Intensidade, Fragmentação e Terror em  
*Assombrações do Recife Velho*, de Gilberto Freyre**

Ricardo Benzaquen de Araújo

IUPERJ/UCAM

PUC-Rio

**Resumo:** Este texto pretende apresentar uma primeira interpretação de *Assombrações do Recife Velho*, livro de Gilberto Freyre publicado originalmente em 1955. Obra um tanto singular na bibliografia do autor, ela reúne uma série de histórias, correntes supostamente há décadas ou mesmo séculos entre várias gerações de moradores da cidade, que se referiam ao aparecimento de um conjunto muito numeroso e variado de entidades sobrenaturais, tais como fantasmas, lobisomens, monstros em forma de gente ou de animal do imaginário popular.

**Palavras-Chave:** Assombrações; Imaginário Popular; Gilberto Freyre; Assombrações do Velho Recife.

**Abstract:** This paper intends to present a first interpretation of *Assombrações do Recife Velho*, Gilberto Freyre's book originally published in 1955. A work somewhat unique in author's bibliography, it gathers a series of stories, supposedly current for decades or even centuries between several generations of city residents, who referred to the appearance of a very numerous and varied amount of supernatural entities such as ghosts, werewolves, monsters in human shape or animal.

**Key-words:** Haunting; Popular Imagery; Gilberto Freyre; Assombrações do Velho Recife.

*“A sabedoria é uma virtude da velhice, e parece vir apenas para os que, quando jovens, não eram nem sábios nem prudentes.”*

(Hannah Arendt, referindo-se à Isak Dinesen)

Se, como nos dizia Walter Benjamin, “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores” (1994, p. 198), a organização desta coletânea parece sem dúvida aproximar Gilberto da figura do narrador, em particular do narrador tradicional, que, saliente-se, apenas transmite para um público mais amplo relatos compostos coletivamente e ratificados pela tradição.

Este vínculo, ainda que exploratório, entre Gilberto e o narrador tradicional pode, entretanto, dar margem para alguma controvérsia. Lembremos, antes de mais nada, que o artigo de Benjamin é redigido com o objetivo de denunciar a morte da “arte de narrar” no mundo moderno, e um dos principais responsáveis pelo seu virtual desaparecimento seria a enorme difusão do que ele chama de uma nova “forma de comunicação”, a informação, fundamentalmente ligada à popularização da imprensa. De fato, ao contrário dos velhos contadores de histórias, que se referiam prioritariamente a experiências que vinham de longe e que, por isto mesmo, podiam trazer um pingo de surpresa capaz de abalar e conseqüentemente enriquecer a sabedoria convencional, os jornais concentram-se basicamente em noticiar eventos que ocorreram o mais próximo possível dos seus leitores.

Note-se que o que está em jogo aqui não é somente a proximidade física – “para meus leitores...o incêndio no sótão do Quartier Latin é mais importante que uma revolução em Madrid” costumava dizer o fundador do Figaro (*idem*, p. 202) – mas também, e sobretudo, a psicológica e intelectual, pois a imprensa como que constrangia, quase sufocava os seus leitores, na medida mesmo em que os acontecimentos sempre lhes eram fornecidos em um ritmo veloz e acompanhados pelo maior número de dados e de explicações que se conseguisse disponibilizar.

Nesse sentido, torna-se evidente tanto a inexistência de um filtro, ou seja, de critérios em condições de hierarquizar as notícias, separando o joio do trigo –

incêndio = revolução –, quanto o próprio amesquinamento da experiência interior na modernidade, com a progressiva diminuição da sua capacidade de processar de maneira original, de dentro para fora, as informações oriundas do mundo exterior, o que termina por acarretar, como sugere Simmel (2002, pp. 317-361), a impossibilidade de se articular de forma adequada as dimensões subjetiva e objetiva do mundo da cultura.

Ora, nada do que foi dito nos últimos parágrafos teria maior importância se não fosse pelo fato de que o trabalho que pretendo analisar teve a sua origem, justamente, na redação de um jornal. Com efeito, logo no prefácio de *Assombrações do Recife Velho*, Gilberto nos conta que o seu interesse pelo assunto foi despertado em 1929, quando era diretor do diário *A Província*, editado em Recife. Foi, na época, procurado por um antigo assinante que vinha lhe pedir que usasse a sua suposta influência junto ao chefe de polícia local para que este enviasse as suas forças com o objetivo de expulsar as assombrações que haviam ocupado a casa em que então residia.

Como, ao contrário do seu leitor, nosso autor não acreditava no “poder sobrenatural da polícia”, ele acaba por não fazer o que lhe foi pedido. Percebe, contudo, que o tema poderia render uma matéria de razoável interesse jornalístico, e indica um repórter para fazer um levantamento nos arquivos policiais da cidade, além de entrevistar informantes que pudessem trazer um testemunho sobre algumas aparições sobrenaturais no Recife.

Parece, desse modo, haver pelo menos alguma discrepância entre os argumentos de Benjamin e a experiência de Gilberto. Tal discrepância, porém, talvez consiga ser diminuída se mencionarmos que ele escolhe precisamente um repórter *policia* para cuidar da reportagem sobre as assombrações. Afinal, creio que não seja necessário sequer recordar a obra de Edgar Allan Poe para que fique claro que a noção de mistério, mesmo que tratada em registros bastante diferentes, dá a impressão de ser o elo que conecta o mundo do crime com o universo sobrenatural.

Na verdade, esta conexão parece se revestir de uma importância ainda maior em uma sociedade como a brasileira, na qual, como sugere DaMatta (1985, p. 113-134), as esferas da casa e da rua, do privado e do público são como que mediadas – e

sobredeterminadas – pelo que habitualmente denominamos de “outro mundo”, onde vivem potências enigmáticas e eventualmente perigosas, capazes de intervir de forma súbita e desconcertante no nosso cotidiano.

Assim, se aqueles narradores examinados por Benjamin encontravam os seus exemplos melhor acabados em personagens como os marinheiros e os camponeses, os primeiros trazendo uma sabedoria que vinha do longe espacial, de terras diferentes e estranhas, os segundos mantendo e aperfeiçoando uma tradição cultivada desde muito tempo na sua própria “pátria”, poderemos agora considerar a possibilidade do surgimento de um novo tipo de narrador, o repórter policial, que sonda os mistérios desse impenetrável e distante “outro mundo”, buscando traduzi-los, até certo ponto, para a maioria dos mortais.

Muito bem: dito isto, a próxima providência consiste logicamente em buscar o caminho que nos permita lidar com as histórias contidas em *Assombrações do Recife Velho*. É evidente que todas apresentam uma série de características em comum, mas acredito que se possa indicar uma primeira repartição entre eles, desde que a classificação que daí decorra não implique distinções exageradamente rígidas e excludentes. De fato, tenho a impressão de que o que mais importa, neste contexto, é a percepção de matizes, isto é, de elementos constitutivos que se distribuem com ênfases diversas ao longo dos vários relatos.

Tomando estes cuidados, talvez possamos identificar um primeiro grupo de contos, que se define por realçar entidades que, embora presentes no cotidiano de Recife, são porém associadas por Gilberto aos fantasmas habitualmente encontráveis na Inglaterra, pelo simples fato de que este “fantasma inglês [é] tão preso à sua casa ou ao seu castelo que quando os reconstrutores de casas velhas alteram o piso, elevando-o, o fantasma tipicamente inglês só se deixa ver pela metade: não toma conhecimento da reforma da casa” (Freyre, 2000, p. 62).

Excessivamente vinculadas aos lugares em que morreram, tais criaturas aparecem aos novos moradores em função de dois objetivos bastante distintos: por um lado, pedir que mandassem rezar missas pela remissão dos pecados que haviam cometido quando vivos, como no caso do Visconde de Suassuna, que havia tratado os seus escravos com tais requintes de crueldade que chegava a assassiná-los e

enterrá-los “no próprio jardim, para fecundarem as terras de onde, na verdade, rebentavam as mais belas rosas do Recife... rosas avermelhadas a sangue de negro” (*idem*, p. 114); por outro, tentar expulsá-los de todas as maneiras que lhes fossem possíveis, fazendo barulho, jogando-lhes grande quantidade de areia e tentando derrubá-los no chão enquanto dormiam.

“Pedir missa” pelos pecados, como se sabe, é um dos mais antigos e legítimos instrumentos utilizados pela igreja católica no seu esforço para domesticar as crenças em fantasmas, esforço que se articulou com a própria invenção da ideia de purgatório em meados do período medieval: a decisão sobre o destino – infernal ou celeste – das almas ali estacionadas passou a ser influenciada pelo maior ou menor grau de solidariedade que elas recebiam por parte dos aliados, amigos e parentes que lhes haviam sobrevivido (cf. Schmitt, 1999 e Le Goff, 1981).

Todavia, será precisamente aquele segundo tipo de relacionamento, que opunha os velhos aos novos moradores, que irá receber a maior parte da atenção nesta coletânea organizada por Gilberto. Este destaque, diga-se logo, impressiona inclusive porque tais aparições transmitem a sensação de estarem associadas a um outro motivo, também muito recorrente em *Assombrações do Recife Velho*: a existência, em casas aterrorizadas por fantasmas, de tesouros enterrados.

Tratamos, portanto, com fantasmas assolados pelo pecado da avareza, os quais, mesmo depois de mortos, recusavam-se terminantemente a abandonar a riqueza que haviam acumulado e escondido. Cabe assinalar, a propósito, que estes tesouros são sempre mencionados sob a forma de peças ou moedas de ouro, metal nobre, e nobre exatamente porque indestrutível, capaz de aceitar os mais diversos formatos sem jamais perder a sua pureza e substância (Simmel, 1971, p. 207). Mantêm-se, assim, sempre igual a si mesmo, gerando uma atração exagerada e obsessiva em entidades que, do mesmo modo, também não sofrem alterações e parecem querer se eternizar neste mundo.

Este segundo padrão de conduta, adotado por aqueles fantasmas domésticos, mesquinhos e nada hospitaleiros, poderia sem dúvida ser explorado em algumas outras direções. Basta recordar, por exemplo, as “diabruras” que faziam com os novos moradores das suas casas, para que nos venha à memória a associação entre

crianças e fantasmas, retomada há algum tempo atrás por Giorgio Agamben (2005, p. 19-78) em sua leitura do artigo de Lévi-Strauss sobre o suplício de Papai Noel (2008). O que se pretende ressaltar aqui é o simples fato de que se possa estabelecer uma eventual conexão entre as primeiras, recém-nascidas mas não inteiramente vivas, posto que não integradas de forma completa à sociedade adulta, e os segundos, já falecidos mas ainda não transformados em antepassados, em retratos na parede, que continuam a interagir com os homens em função da sua pecaminosa e descabida aspiração de permanecer junto à sua – inútil – riqueza.

No entanto, até por razões de tempo, creio que seja mais sensato desenvolver um pouco mais o tema da avareza, inclusive porque ele nos permite conectar estes casos sobre fantasmas caseiros com alguns outros que, espero, poderão nos ajudar a fixar melhor o contorno desta primeira dimensão das assombrações examinadas neste texto.

Desse modo, a próxima história a ser examinada chama-se “A Velha Branca e o Bode Vermelho” (Freyre, p. 107), e a sua principal personagem é uma senhora, extremamente idosa, que Gilberto chegou a conhecer quando criança. O traço característico deste conto é o amor excessivo que esta “velhinha” devotava aos seus “santos” e, em particular, ao Menino Jesus, em detrimento inclusive de três sobrinhas que moravam com ela, mas “às quais tudo negava, menos a casa e o gozo do sítio; e que, por isto mesmo, as coitadas se esgotavam em costurar para fora e em fazer doces para as negras venderem em tabuleiros na cidade” (*idem*, p. 110).

Mas qual seria exatamente este “tudo”, mencionado por Gilberto e recusado às sobrinhas? Ouro, naturalmente, conservado menos em moedas do que em jóias e medalhas, jóias e medalhas que não adornavam a proprietária nem muito menos as suas parentes pobres, mas unicamente o seu “adorado Menino Jesus”. Quase não é de se estranhar, conseqüentemente, que um dia apareça à velhinha “um bode hediondo. Um desses misteriosos bodes que há séculos se supõe enviados de Satanás aos homens esquecidos de Deus e do próximo. Escarlate como se tivesse saído de um banho de sangue. Inhaca de enxofre junto à de bode” (*ibidem*, p. 111). É como se o esquecimento de Deus viesse a se realizar, nesta história, exatamente por intermédio do caráter abusivo e monopolizante da sua lembrança, descartando-se totalmente o

ensinamento paulino que assegura que só se chega a Deus pelo sacrifício e pela solidariedade em relação ao próximo, vale dizer, pela imitação de Cristo.

Assim,

“quem sabe se Deus, o Pai, desaprovando o culto não digo excessivo, mas exclusivo, à imagem do seu Divino Filho, e a negligência da tia pela sorte daquelas três sobrinhas pálidas, também filhas de Deus, embora simples pessoas da terra, não permitiu ao Maligno aparecer naquela santa casa, só para sacolejar o coração da velha sinhá e abrandá-lo?” (*ibidem*, p. 111).

Há, é claro, uma série de diferenças entre os pontos focalizados até agora: afinal, para mencionar apenas aqueles fantasmas domésticos, um grupo deseja ardentemente desprender-se deste mundo, enquanto o outro tudo faz para permanecer nele, além do caso que acaba de ser resumido e que não parece ter nenhuma relação com os anteriores.

Todos eles, contudo, transmitem a sensação de que são compostos a partir de uma articulação entre a aparição das entidades sobrenaturais e alguma ruptura das normas que dão sentido ao mundo da cultura, quer estejamos nos referindo ao assassinato de escravos, à avareza ou à ausência de caridade que distingue a afeição que a heroína desta última história devotava ao Menino Jesus. Reforça-se então, por este caminho, o vínculo entre os relatos coletados por Gilberto e a tradicional atividade da narrativa oral. De fato, como é bastante enfatizado no texto de Benjamin (1994, p. 197-221), essas narrativas destilam uma espécie de sabedoria prática, na medida mesmo em que sempre se mostram capazes de “dar um conselho”, de recomendar uma linha de atuação, baseada na experiência, que tenha condições de orientar a conduta e salvaguardar, mesmo que ao preço de uma relativa transformação, as crenças e instituições que infundem sentido a vida social.

Trata-se, portanto, de um conjunto de histórias eminentemente morais, quase rotineiras – se fosse possível utilizar esta expressão para se dar conta de eventos balizados pelo mistério –, nas quais o monstruoso, o sobrenatural parece ser

convocado apenas para sancionar a virtude e prevenir as rupturas que podem decorrer do pecado.

Contudo, também se pode encontrar em *Assombrações do Recife Velho* uma segunda coleção de relatos, cujo perfil dá a impressão de apontar para um significado relativamente diferente do que foi discutido até aqui. Tomemos, por exemplo, o breve conto intitulado “O Boca de Ouro” (p. 62), no qual se narra a perseguição de um boêmio por um fantasma zombeteiro, de cujo rosto, já transformado em caveira, divisava-se somente o brilho de uma dentadura de ouro. Ora, não se percebe aqui nenhuma orientação ética mais relevante, e até a alusão ao ouro incrustado na dentadura não parece vir acompanhada por qualquer comentário que envolva uma discussão mais séria sobre valores que deveriam ser estimulados na perspectiva de se fortalecer a ordem pública.

Cabe observar, inclusive, que vários outros relatos semelhantes serão recolhidos e contados por Gilberto no livro em pauta, em um processo que, ao meu juízo, atinge o seu ponto culminante com a entrada em cena de algumas poucas histórias cujos personagens principais não são fantasmas, mas lobisomens. Estes deveriam normalmente se manter fora da cidade, nos “ermos” – Gilberto vai contrastá-los com as “cabras cabriolas”, monstros urbanos que invadem o interior das casas em busca de crianças desobedientes –, mas terminam por se fazer presentes no Recife, atacando e aterrorizando aleatoriamente qualquer um que viesse a cruzar o seu caminho.

Vale a pena lembrar, nesse contexto, o apavorante personagem do “papa figo”, um negro velho, um curandeiro que, procurado por um rico recifense que se tornava cada dia mais pálido e “amarelo”, sinal da sua metamorfose em lobo sugere que o seu novo paciente

só fica bom comendo ‘figo’ de menino. Figo no português do negro queria dizer fígado. Diz-se que o próprio negro velho se encarregou de sair pelos arredores do Recife com um saco ou surrão às costas. Ia recolhendo menino no saco e dizendo que era osso para refinar açúcar. Mas era menino. Carne de menino e não osso de boi ou de carneiro. Quanto mais corado e gordo o meninozinho, melhor. Desses meninos



sussurra a lenda que o africano, protegido pelo branco opulento, arrancava em casa os fígados para a estranha dieta do doente. Só assim evitou-se – diz a lenda que parece ser muito recifense – que o argentário continuasse a alarmar a população sob a forma de terrível lobisomem. Curou-se mas de modo sinistro. (p. 97-98).

Não há dúvidas de que neste episódio existem certas regras morais em debate, da mesma maneira que, nos outros relatos, também se pode sempre encontrar uma forma de se defender dos ataques dos lobisomens – invocando-se o nome da Nossa Senhora do Socorro ou utilizando-se da cor azul, sua favorita –, sem mencionar o fato de que os próprios monstros podem eventualmente encontrar um antídoto menos lúgubre, digamos, para o seu mal, como o que nos é contado na página 135, em que a cura de um lobisomem é alcançada pelo fato dele mamar no peito de uma mulher, como se fosse um recém-nascido.

No entanto, o que mais me chama a atenção é uma certa falta de articulação entre o comportamento dessas assombrações e de suas vítimas e qualquer argumento que possa sustentar a imposição de relações éticas e sociais mais sólidas. Não é que não exista nenhuma moralidade em jogo, só que, distribuindo-se ao longo de um “continuum” que abrange *todas* as histórias editadas em *Assombrações do Recife Velho*, ela parece exibir, neste polo que estamos examinando, a sua face mais tênue e delicada, o que termina por gerar, em Recife, uma atmosfera marcada pela aventura, pela imprevisibilidade e pelo terror.

Com efeito, o que teria levado ao surgimento de uma figura como o “Boca de Ouro”, e por que ele perseguia aqueles que encontrava? E quanto aos lobisomens, qual a razão para abandonarem os “ermos” e passarem a viver na cidade? Para procurar a cura dos seus males? Mas qual o significado de um relato como o do “papa figo”? Assustar as crianças? Mas com qual objetivo? Cabe ressaltar que o que mais importa neste contexto não é indagar se estas perguntas poderiam ser eventualmente respondidas por um outro tipo de abordagem. Na verdade, o que de fato interessa é registrar que Gilberto, ao contrário do que faz em relação ao primeiro conjunto de história focalizadas neste texto, deixa estas questões relativamente em aberto, convertendo assim aqueles personagens monstruosos em seres praticamente

incontroláveis, o que seguramente contribui para intensificar o clima de mistério e de perigo de que Recife parece se revestir.

Este raciocínio, aliás, talvez possa ser associado a um outro argumento levantado pelo nosso autor em *Assombrações do Recife Velho*: o de que Recife seria uma cidade eminentemente aquática, talassocrática, limitada pelo mar e atravessada por dois rios, o Capibaribe e o Beberibe, cujos braços dão a impressão de segmentá-la, dividindo-a em fragmentos que fariam dela uma espécie de arquipélago.

Longe de restringir esta observação as dimensões física ou ecológica da cidade – temas, contudo, que de há muito o interessavam –, Gilberto preocupa-se em ressaltar que, no Nordeste e em particular no Recife, o “Mar [é] um rival do próprio Deus. Um mar que para muito marítimo se escreve com M grande como o nome de Deus com D grande. Exigente de sacrifícios e de ritos como o Deus do Velho Testamento”. Como o mar, e “também – repita-se – a água dos rios, dos riachos, dos simples alagados... é para o pescador, jangadeiro ou barcaceiro do Recife ou das vizinhanças do Recife, ‘pagão’, nenhum deles, dentro do mar, deve dizer em voz alta Jesus, Maria, José. Sob pena do mar se agitar, revoltado” (Freyre, 2000, p. 48-49).

Estas reflexões, que acentuam sobremaneira o caráter surpreendente e arriscado da experiência com o sobrenatural em Recife, aproximam-se curiosamente dos argumentos levantados pelo jurista alemão Carl Schmitt quando investiga as relações que podem ser estabelecidas entre as regras jurídicas, a terra e o mar. Nesse sentido, Schmitt chama a atenção para a impossibilidade de se estabelecer qualquer norma mais estável e duradoura sobre uma superfície tão móvel, imprecisa e inconstante quanto o mar, o que termina por fazer com que o direito, ao menos em suas versões clássicas, sempre encontre o seu fundamento e sustentação em terra firme (cf. Schmitt, 1979, p. 15-25).

Ora, se isto é verdade, aquele segundo grupo de contos de mistério, composto por histórias desconcertantes, arriscadas e até incontroláveis, torna-se ainda mais significativo, em especial se nos lembrarmos que o Recife como um todo, e não somente as águas pelas quais é cortado, parece ser definido, de acordo com Gilberto, pelos signos marítimos – e infernais – da instabilidade e da fluidez. Dessa maneira, ele nos fala sobre carruagens vazias movimentando-se sozinhas durante a noite,

mulas sem cabeça correndo desordenadamente pelas ruas (Freyre, 2000, p. 85-87) e criaturas monstruosas, como os lobisomens, perseguindo quem quer que casualmente lhes passasse pela frente, sem esquecer que o próprio Recife aparentemente padecia de uma espécie de mobilidade característica: cidade aberta as mais diversas influências, portuguesas, africanas, judaicas e holandesas, ele também se mostrou vulnerável “a incursões de piratas ou de corsários estrangeiros, saídos do mar”, e, ao mesmo tempo, aos assaltos dos “bandidos dos canaviais” – como o notório ‘Cabeleira’ -, “demônios vindos do próprio interior da região” (*idem*, p. 59).

Se as artérias que atravessam esta outra Recife, noturna e secreta, acabam por ser ocupadas por esse surpreendente e borbulhante conjunto de assombrações, as casas, ou melhor, os antigos sobrados equipados com fantasmas domésticos e avarentos e por velhinhas excessivamente devotas, examinados na parte inicial deste texto, parecem efetivamente se converter em uma modalidade rara e específica de ilha.

Assim, a associação entre os dois grupos de relatos aqui referidos, associação indispensável inclusive em função do caráter precário e quase artificial da sua discriminação, dá a impressão de nos permitir esboçar uma primeira imagem da cidade construída por Gilberto em sua coletânea: uma espécie de arquipélago, em que entidades até certo ponto fixas, sedentárias e benévolas, personagens de contos que sustentam um determinado padrão moral, convivem com ruas eminentemente líquidas ocupadas por criaturas até certo ponto – vale a redundância – distantes de uma orientação ética mais rígida, cuja predileção por tudo aquilo que é imprevisível, desconcertante e ameaçador consegue apenas tornar mais intenso o descontrole e o mistério que aparentemente reinam sobre a cidade.

É óbvio que tal definição não deixa de ter consequências, e a primeira delas, que enfatiza a inclinação fragmentária deste Recife sob exame, talvez nos permita uma melhor compreensão acerca de uma das mais recorrentes observações de Gilberto, que compara, sem maiores explicações, as assombrações com as revoluções que ocorreram em Pernambuco. Não se trata, sem dúvida, de se contrapor simplesmente um assunto ao outro, pois é evidente que a “história íntima”, com a

qual se vinculam aqueles fantasmas e lobisomens, nada tem a ver com a “história oficial” que costuma se ocupar das insurreições políticas.

Na verdade, a minha impressão é a de que Gilberto expressa aqui algumas intuições extremamente interessantes, se não vejamos: sabe-se que a história política, talvez a variedade historiográfica mais em voga nos 150 anos que precederam a publicação de *Assombrações do Recife Velho*, constituem-se em um dos mais perfeitos exemplos da chamada concepção moderna da narrativa, concepção que fundava a sua divergência em relação às histórias similares as contadas pelo nosso autor em dois ou três argumentos básicos, entre os quais se pode destacar a enorme importância que ela vai conceder a ideia de futuro.

De fato, concebida a partir de uma espécie de “ponto de fuga”, isto é, de uma perspectiva que, presente desde o começo até a conclusão do relato, vai lhe emprestar um sentido de coerência, de finalidade e de direção, a narrativa moderna fará com que a ideia de futuro que ela habitualmente utiliza desempenhe ainda outro papel fundamental: combinando-se com a noção de enredo, noção que comporta expansões laterais e um certo zig-zag capazes de complementar a vocação linear do discurso historiográfico, ela irá contribuir para que o processo histórico chegue a seu término – sempre provisório, claro – em condições de incorporar um conjunto de eventos, de enorme magnitude, de forma extremamente articulada, permitindo até que se recorra, neste contexto, ao conceito de totalidade (White, 1987).

As narrativas tradicionais, por sua vez, transmitem efetivamente a sensação de se orientar por pressupostos muito diferentes daqueles que informam a moderna história política. Basta ver, por exemplo, a maneira pela qual aquelas “histórias íntimas” lidavam com a noção de futuro: ao contrário inclusive do Rio de Janeiro, onde o recurso ao sobrenatural parece procurar alguma adaptação com a ideia de progresso por intermédio da valorização das “buenas dichas”, formas de se conhecer o futuro praticadas por “ciganas, macumbeiros e cartomantes”, em “Recife o sobrenatural é sobretudo uma perseguição do presente pelo passado” (Freyre, 2000, p. 28), como ficou evidenciado, creio eu, pelo que já se discutiu nesse trabalho.

Além disso, o Recife “íntimo” que Gilberto nos apresenta não tem nenhum compromisso com a coerência nem com a totalidade cultivadas pela moderna

narrativa historiográfica. Ele nunca se refere à cidade como um todo, mencionando somente algumas casas, ruas e localidades específicas, focalizadas e separadas do entorno justamente pelo seu vínculo com entidades sobrenaturais; e, ao seu redor, sente-se o movimento incessante não só de lobisomens e outras criaturas monstruosas mas também daqueles rios anteriormente citados, produzindo-se assim um clima de arbitrariedade e de terror que reforça o isolamento e a fragmentação daquelas localidades, convertendo o Recife em uma cidade, convenhamos, relativamente inóspita.

Este último ponto, aliás, pode nos servir para começar a encerrar este trabalho. Basta lembrar que, pelo menos desde os anos 30, se não antes, Gilberto já denunciava com enorme vigor os planos que tinham a intenção de transformar o Recife em uma cidade exclusivamente, ou melhor, excludentemente moderna, “endireitando” as ruas para que se tornassem mais retas, plantando filas lineares de eucaliptos, rasgando novas avenidas, enfim, pretendendo adotar a mesma perspectiva que orientava aquela narrativa histórica moderna a que já se fez alusão.

Tal conjunto de transformações, cujo eco ainda se faz ouvir em *Assombrações do Recife Velho*, mesmo discretamente, por intermédio de um comentário acerca da substituição dos velhos nomes das ruas tradicionais por outros mais afinados com os novos tempos (p. 43), importa em uma divergência ao mesmo tempo cultural e política, pois Gilberto está plenamente convencido que a principal consequência dessa modernização é uma brutal ampliação da distância que separava os brancos dos negros, os ricos dos pobres. Como ele já vinha argumentando há mais ou menos 20 anos, o despotismo típico da sociedade escravocrata era, não diminuído, mas complementado por uma certa proximidade, intimidade até, estabelecida entre senhores e escravos, enquanto que o processo de modernização que caracterizou o final do século XIX e o início do XX, não somente não diminuiu a exploração – deu-lhe apenas um outro formato – como também liquidou com aquela intimidade que acabou de ser mencionada.

Ora, o caminho mais frequentado por Gilberto para resistir a esse estado de coisas envolve, habitualmente, o destaque de certas tradições que implicam uma dose de fraternidade, cordialidade e calor, tal como se pode perceber, por exemplo, pela

leitura do *Guia* de Recife e pelo volume em que reúne e publica, como no livro que terminamos de examinar, todo um conjunto de antigas receitas de doces. Aqui, porém, o gesto parece ser bem diferente, pois aponta para uma cidade não muito hospitaleira – nem mesmo para seus habitantes –, imprevisível e ameaçadora, onde a tradição, expulsa durante o dia pela porta, teima em retornar à noite pela janela, só que, nesta versão noturna, com o objetivo de espalhar o desassossego e o terror.

### Referências

- AGAMBEN, Giorgio. (2005), “Infância e História. Ensaio sobre a destruição da experiência”, in *Infância e História. Destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte, Ed. UFMG.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. (1994), *Guerra e Paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. São Paulo, Ed. 34.
- BENJAMIN, Walter. (1994), “O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, in *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo, Brasiliense.
- DAMATTA, Roberto. (1985), “A Morte nas sociedades relacionais – reflexões a partir do caso brasileiro”, in *A Casa e a Rua*. São Paulo, Brasiliense.
- FREYRE, Gilberto. (2000), *Assombrações do Recife Velho*. Rio de Janeiro, Topbooks.
- LE GOFF, Jacques. (1981), *La Naissance du purgatoire*. Paris, Gallimard.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. (2008), *O Suplício do Papai Noel*. São Paulo, Cosac Naify.
- SCHMITT, Carl. (1979), *El Nomos de la Tierra*. Madrid, Centro de Estudios Constitucionales.
- SCHMITT, Jean Claude. (1999), *Os Vivos e os Mortos na Sociedade Medieval*. São Paulo, Companhia das Letras.
- SIMMEL, Georg. (1971), “The Nobility”, in *On Individuality and Social Forms*. Chicago, The University of Chicago Press.
- \_\_\_\_\_. (2002), “El concepto y la tragedia de la cultura”, in *Sobre la Aventura*. Barcelona, Ediciones Península.

WHITE, Hayden. (1987), *The content of the form*. Baltimore, Johns Hopkins University Press.

Recebido em 10 de setembro de 2011.

Aprovado em 05 de outubro de 2011.

163

---

*A Cidade  
Secreta:  
Intensidade,  
Fragmentação e  
Terror em  
Assombrações do  
Recife Velho, de  
Gilberto Freyre*

Ricardo  
Benzaquen de  
Araújo